

① A primeira aula iniciaria com um "Brainstorming" sobre as diferenças entre a fala e a escrita. Os aspectos debatidos, e organizados pelo professor, auxiliariam na confecção de uma tabela coletiva e comparativa desses elementos. Posteriormente, apresentaria o título do conto do escritor angolano João Melo: "Tio, me dá cem". As atividades pré-textuais realizadas oralmente já iriam auxiliar na desconstrução de alguns elementos citados como próprios da escrita. Após esse breve debate, haveria uma leitura oral e coletiva do conto completo: as desconfianças levantadas na interpretação do título se confirmam ao longo do texto - Quem pode ser o interlocutor? É o falante-personagem? Que aspectos textuais podem comprovar isso? Como proposta de atividade para ser realizada ~~para~~ para a aula posterior, os alunos, em grupos de três, devem tentar transpor o pedido do personagem do conto para o discurso oral formal.

Na aula seguinte, a partir das apresentações realizadas, retificar-se a tabela coletivamente: o que permaneceu? O que percebemos que se modificou? Em que contexto o discurso original faria sentido? E o produzido por eles? Rápido debate sobre o que é próprio do discurso falado e do discurso escrito (semelhanças e diferenças).

Na terceira e última aula desse segmento, haveria a sistematização das conclusões e dúvidas da tabela coletiva através de um estudo dirigido. Ele poderia ser composto de imagens de conversas instantâneas, textos literários, notícias de jornal impressas e faladas para que, ^{em} ~~res~~ ^{res} ~~orient~~ ^{orient} a atenção do aluno na diversidade produtiva entre oralidade e escrita.

O Plano de aula desse segmento de três aulas duplas para o 8º ano do Ensino Fundamental II tem como objetivos compreender praticamente as noções de oralidade e escrita, semelhanças e diferenças, além de introduzir algumas noções de variação linguística (certo e errado X adequado e inadequado). A metodologia ativa parte dos conhecimentos prévios do aluno e de sua experiência de mundo, de modo a desconstruir preconceitos linguísticos. Em consonância com a proposta do CAP, a avaliação deve ser contínua, realizada em

diversos momentos da aula e através de diversos métodos. No segmento de aula em questão, houve uma primeira avaliação coletiva; posteriormente uma avaliação oral em trio e, por último, uma avaliação individual. As duas primeiras formativas e processuais e a terceira diagnóstica e somativa, já que se propõe a identificar se os conceitos debatidos conseguem ser ~~reaplicados~~ reaplicados.

Em relação ao currículo e à diversidade cultural, é mister compreender que o acesso a textos orais e às literaturas africanas de língua portuguesa, já auxilia na inserção do tema diversidade na sala de aula. A valorização e reconstrução desses elementos só têm a contribuir no ensino não só de língua portuguesa, mas de cidadania e cultura. Citando o Projeto Político-Pedagógico do CAP, o "trabalho pedagógico encontra-se aliado em três pilares básicos: valorização e transmissão de cultura geral, com ênfase na formação humanística; utilização de metodologia ativa; carga horária semanal ampliada, através da incorporação de novas práticas educativas" (p.2)

Por fim, compreende-se que o ensino de Língua Portuguesa é fundamental para o convívio sócio-cultural em caráter de diversidade, auxiliando o falante/escritor a adequação às diversas situações comunicativas (cf. GERALDI, João Wanderley (org.) O texto na sala de aula. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001) Assim, é mais provável que o ensino de Língua Portuguesa seja mais eficaz.

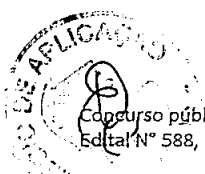
2) Segundo o Projeto político-pedagógico do Colégio de Aplicação da UFRJ, um dos princípios básicos de toda proposta pedagógica é a formação humanística, "respeitando a diversidade e cultivando os valores éticos necessários ao convívio social e político." (p.2). Dessa forma, é de extrema importância selecionar adequada e conscientemente o currículo escolar.

Antes do início do ano letivo, a Semana de Planejamento Curricular do CAP deve debater os tópicos importantes a serem abordados ao longo do ano. O acompanhamento pode ser feito nas Reuniões de Setores Curriculares e nas Reuniões de Série e cabe aos Conselheiros de Classe avaliarem a ^{maior} eficácia e coerência.

Sobre Planejamento curricular, se pode afirmar que é "o processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É a previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno." (Vasconcellos, C. S. Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995. p.56) Assim, é de suma importância que a diversidade cultural permeie o currículo escolar como um todo.

Na área de Língua Portuguesa, isso se pode concretizar na seleção de diversos gêneros textuais, nas múltiplas nacionalidades/ regiões dos autores selecionados, nos temas ~~diversos~~ plurais abordados pelos textos, além da frequência de debates produtivos em sala de aula. Outro aspecto importante é a contextualização das atividades de leitura, análise linguística e produção textual e a sua consequente integração no processo de ensino-aprendizagem. (cf. SANTOS, Leonor Wernick; RICHIE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. Análise e produção de textos. São Paulo: Contexto, 2013. p.11).

A escola, nesse contexto, precisa não só instrumentalizar o aluno com o conhecimento teórico e formal, mas principalmente imergi-lo em convívio social, transformando-o em agente de seus saberes, capacitado a aprender e a ensinar. Assim, uma vez que o professor redefine os espaços de autoridade, o aluno passa a produzir sua própria liberdade reflexiva. Convertido



em frente do saber o aluno e o professor acabam por poder se
identificar com a famosa frase de Guimarães Rosa: "mesmo é a que
le que de repente aprende."

[A large diagonal line is drawn across the remaining lined area of the page.]

③ Na Colômbia, o professor Javier Naraino deu a seus alunos algumas palavras para que ~~se~~ pudessem defini-las. A visão diversa apreendida por crianças de oito a doze anos ficou tão interessante que resultou no livro "Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças" com seleção do próprio professor. Em uma dessas definições, Maria José García de 8 anos afirma: "[Professor] é uma pessoa que não se cansa de copiar."

Compreendendo que a escola ainda frustra em fornecer autonomia e reflexão crítica e que vivências como a da criança colombiana ainda são comuns em diversas escolas pelo mundo, é de se surpreender que um ambiente de ensino como o Colégio de Aplicação da UFRJ logre transgredir produtivamente com uma tradição enraizada em muitos educadores. A própria noção de Colégio de Aplicação já é uma maneira de criar um ambiente de discussão teórico-prática dos processos de ensino-aprendizagem.

Ao se consultar o Projeto político-pedagógico do CAP, identifica-se a escola como um espaço de afetos, de saberes, em que há "preceitos institucionais de ensino, pesquisa e extensão." (p.2). Isso pode significar um grande ganho para o ensino, já que é notável o hiato que se forma - cada vez mais abissal e largo - entre as teorias personizadas nas universidades e as realizações práticas em sala de aula.

Além disso, o espaço fornecido aos universitários licenciandos para a elaboração de atividades consonantes com as teorias aprendidas em sala de aula permite uma formação mais consciente e crítica. Isso se deve ao ambiente de ensino crítico e transgressor experimentado no CAP; à liberdade de elaboração de projetos diversos que acabam por expandir o espaço de ensino-aprendizagem; à possibilidade de discussões recorrente dos estagiários na disciplina de Prática de Ensino.

Assim, de modo a estreitar laços e a dialogar fraternalmente, o espaço da escola enriquece de novas práticas associadas a

diversas teorias. O diálogo promovido entre o colégio e a universidade permite que os debates acerca do currículo se tornem mais frequentes e produtivos tanto para os estagiários quanto para o próprio professor regente, que se aproxima também do espaço da pesquisa.

Nesse momento, o papel do professor, como mediador do processo de ensino-aprendizagem, se revela cada vez mais produtivo: a interlocução entre pesquisa, ensino e extensão favorece experimentações didáticas mais conscientes e menos intuitivas/reprodutoras/automáticas. A seleção, organização e adequação do planejamento curricular também se revela mais crítica e consistente.

Em relação à diversidade cultural, também é papel do professor selecionar materiais plurais e adequados. Na área de Língua Portuguesa, debates acerca do preconceito linguístico, das noções de adequação - ao invés de certo e errado - , além da seleção de múltiplos gêneros textuais, é fundamental para que se corrobore o espaço já diverso do Colégio de Aplicação.